

*SEÇÃO: RESENHA*

**Resenha do livro de Jean Loïc Le Quellec, *La Caverne Originelle. Art, mythes et premières humanités*, Collection Sciences sociales du vivant, Ed. de la Découverte, Paris, 2022. 888 p, 371 figs.**

André Prous

Jean-Loïc Le Quellec é diretor de pesquisa emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) francês. Antropólogo e pré-historiador, é especialista da arte rupestre do Saara e também pesquisador de mitologias de populações tradicionais ao redor do mundo (tendo ele publicado pelo CNRS, em 2017, com Bernard Sergent, um monumental *Dictionnaire Critique de Mythologie*).

O propósito do livro é refletir sobre as múltiplas abordagens e interpretações que já foram propostas pelos estudiosos da arte paleolítica das cavernas europeias, avaliar sua credibilidade e procurar se haveria alguma nova metodologia mais objetiva que permitisse avançar de forma mais objetiva rumo a uma compreensão dos objetivos das e/ou dos artistas paleolíticos franco-cantábricos. Nota-se que os cerca de 10.000 desenhos gravados em objetos móveis (pontas de osso, propulsores, bastões decorados etc.) estão mencionados apenas casualmente nesta obra, já que o autor considera tratar-se de representações cuja finalidade era distinta daquela das figuras parietais pintadas ou gravadas – estas, geralmente produzidas na escuridão das grutas.

Poderia se imaginar que este trabalho interessasse sobretudo os pesquisadores especializados em arte paleolítica europeia; entretanto, várias das diversas interpretações e abordagens que surgiram desde o final do século XIX para os grafismos pintados e gravados em cavernas europeias foram (ou ainda vem sendo) propostas para obras rupestres de várias outras partes do mundo e algumas delas continuam tendo sucesso (por exemplo a “teoria xamanística”, que grassa no Brasil desde os anos de 1980). Apoiada em farta bibliografia de cerca de 4.000 títulos

(trabalhos que não se referem apenas à arqueologia, mas também à biologia, à psicologia, à linguística e às mitologias de todos os continentes), a revisão crítica feita por Jean-Loïc Le Quellec merece ser lida e meditada.

A primeira parte da obra (e a mais volumosa) se refere, portanto, a apresentação e discussão dos autores que trataram do tema; também disponibiliza informações qualitativas e quantitativas (a partir dos levantamentos realizados pelo autor) interessantes por serem pouco disponíveis aos não especialistas. Assim, haveria cerca de 450 grutas e abrigos com grafismos atribuídos ao Paleolítico na Europa, contendo cerca de 20.000 desenhos, dos quais cerca de metade não reconhecidos como figurativos, sendo então denominados “signos” pela maioria dos pré-historiadores (no Brasil, costumam ser chamados “sinais geométricos” ou como “grafismos puros”).

Le Quellec lista os poucos grafismos possivelmente deixados pelos neandertalenses (pinturas datadas em mais de 45.000 anos em grutas espanholas, *cupules* no sepultamento neandertalense de La Ferrassie, na França). Utiliza em seus comentários os textos de especialistas que trabalharam a percepção das gravuras a partir de determinadas áreas cerebrais humanas e os recentes estudos de crânios de neandertais. Frisa a ausência de desenhos figurativos nos grafismos atribuídos a esta população desaparecida, mencionando as discussões mais recentes sobre o que seriam as capacidades linguísticas desses humanos de outra espécie.

Tratando agora das obras atribuídas ao *Homo sapiens*, Le Quellec atualiza e confirma as quantificações de A. Laming (Emperaire) e de A. Leroi-Gourhan, feitas há mais de meio século. Entre os zoomorfos, poucas espécies foram identificadas; 28% das representações são de cavalos; 24% de bovídeos; 16% de cervídeos e 8% de caprinos; os proboscídeos perfazem 6,4%; os carnívoros 3% e os rinocerontes apenas 1,2%. Nota-se que a soma dos caprinos e cervídeos é parecida com aquela dos cavalos ou dos bovídeos, confirmando a predominância absoluta daquela tríade que focalizou as atenções de Laming (Emperaire) e de Leroi-Gourhan em seus últimos trabalhos. Reafirma a ausência de cenas inquestionáveis de caça ou de acasalamento na arte paleolítica.

Em relação às figuras humanas, Le Quellec lembra que, nas grutas, elas estão geralmente segmentárias, representando-se essencialmente as mãos ou o sexo – mais raramente, a cabeça. Revendo as pesquisas recentes a respeito das mãos pintadas (geralmente atribuídas ao período gravetiano), cita as experimentações de Lorblanchet e Rigaut, cujo estudo de 204 impressões

pré-históricas demonstra que os paleolíticos fizeram várias montagens e superposições de dedos (o resultado sendo tradicionalmente interpretado erroneamente como mãos com dedos supranumerários, faltantes, quebrados ou amputados) e que as medições das mãos em negativo não são confiáveis para estimar as dimensões desta parte dos seus donos. A partir da observação da repetição de certas posições “anormais” dos dedos, menciona a possibilidade de ter havido uma codificação da posição dos mesmos, dentro de um sistema de comunicação silenciosa entre caçadores (da qual se conhecem exemplos etnográficos).

A seguir, Le Quellec faz uma cuidadosa revisão crítica das sucessivas interpretações e utilização pelos pesquisadores modernos das figuras do Paleolítico europeu. Traz ao leitor muitas informações desconhecidas, até da maior parte dos especialistas. Esta parte me parece particularmente importante para os leitores da América do Sul, que tem dificuldade de acesso a muitas das obras revisitadas pelo pesquisador francês.

Menciona obviamente a inicial teoria de “arte pela arte”, aparecida no final do século XIX, que continua subjacente em algumas obras de história da arte; a interpretação das figurações como vestígio de magias de caça - ideia que predominou na primeira metade do século XX, assim como as explicações “totêmicas”. Para o período influenciado pelo estruturalismo, aborda as pesquisas de Max Raphael, Annette Laming e André Leroi-Gourhan. Em relação ao final do século XX, revisita a assimilação de conjuntos de grafismos a uma proto-linguagem; as pesquisas de sazonalidade a partir do estudo das pelagens e atitudes dos animais. As buscas de representações astronômicas, as teorias psicanalíticas, mitológicas e simbólicas. Aborda também os trabalhos sistemáticos e pouco conhecidos no Brasil de Dauvois, Boutillon, Reznikov ou Walter, sobre uma possível relação entre a localização de painéis pintados e de fenômenos acústicos. Para o século XXI, detém-se obviamente sobre a teoria “xamanística” ainda muito popular hoje em boa parte do mundo, sem se esquecer das teses que quiseram ver imagens pedagógicas nas pinturas realizadas no escuro das cavernas. Também passa pela explicação proposta por D. Guthrie dos desenhos de sexo e de corpos femininos esquematizados, que teriam sido feitos por adolescentes.

Desta revisão crítica, Le Quellec conclui que nenhuma das hipóteses propostas até hoje é passível de ser demonstrada. Insiste no fato que não se pode propor explicações fundamentada em critérios que não se sabe se existiam no Paleolítico. Por exemplo, insiste sobre o fato de que não há nenhuma prova de que o xamanismo (ou o totemismo, ou até uma religião) teria existido nesta época remota. Para propor um *explicans*, seria necessário demonstrar primeiro que este já

teria existido na época em que o *explicandum* (as obras rupestres) estavam sendo realizadas. Frisemos que os partidários da “teoria xamanística”, provavelmente, responderiam que os próprios grafismos seriam justamente os indícios dessa existência.

De qualquer forma, para resolver o problema, Le Quellec propõe utilizar as “máquinas de remontar no tempo”, que são a linguística histórica, a mitologia comparada e a areologia, sendo esta última a disciplina que consiste em analisar a repartição geográfica dos fenômenos culturais – no caso, dos mitos e contos populares. Nesta última parte do livro, que apresenta sua contribuição pessoal mais original, Le Quellec procura o que seriam os mitos/contos mais antigos da humanidade, a partir de um estudo estatístico e de uma análise da sua maior ou menor proximidade a partir da elaboração de dendrogramas semelhantes àqueles utilizados pelos biólogos para determinar as filogenias. Neste caso, os *mitemas* (expressão criada por Lévi-Strauss para designar as unidades mínimas de composição dos mitos) são tratadas como os genes dos biólogos. Le Quellec tenta assim traçar a história evolutiva dos contos e mitos ao redor do planeta, a partir do imenso *corpus* já elaborado pelos mitólogos modernos. Procura assim quais são as estórias que seriam comuns a toda a humanidade (e datariam assim dos seus primórdios) ou aquelas que seria comuns a grande parte dela (e cuja repartição geográfica mais limitada refletiria a separação dos troncos populacionais antigos, por exemplo, a separação e o isolamento posterior das primeiras populações ameríndias. Como resultado desta pesquisa, Jean-Loïc Le Quellec considera que o mito mais difundido no mundo (e, portanto, o que seria o mais antigo) seria aquele da emergência da humanidade (em certos casos, junto com os animais) que até viviam no interior da terra. Encontrou 749 versões deste mito em todo o mundo (a não ser na Europa e no Oriente Próximo, onde as religiões monoteístas o substituíram pela versão bíblica de criação a partir da argila). Em certas versões deste mito original, uma parte da humanidade e dos animais permanece presa embaixo da terra por causa de um migrante obeso que tapou a saída para a superfície. Uma das variantes do mito, semelhante à fuga de Ulisses da gruta de Polifemo, mostra a humanidade escapando de um guardião no meio de uma manada (nota, contudo, a ausência desta variante na América do Sul). Estas duas versões do mito seriam anteriores a penetração humana nas Américas, pois encontram-se pelo menos em parte do “Novo Continente”, mas a variante mencionada seria mais tardia, pois não existe na América do Sul. Ora, a comparação entre as versões evidencia uma semelhança cada vez maior entre eles na medida que se aproxima geograficamente dos mitos Khoisan da África austral (região atualmente considerada como berço da humanidade). Nas palavras do autor, “o fenograma simulando a evolução tem claramente sua raiz nas versões Khoisan” sul africanas. Desta forma,

a origem do mito remontaria ao Paleolítico Superior e poderia ser considerado a fonte de inspiração dos mais antigos pintores das cavernas europeias. O autor considera que esta hipótese explicaria também a ocorrência, registrada em 26 cavernas pintadas da Europa, de fragmentos de ossos de animais (entre as espécies mais caçadas) plantados verticalmente no solo; seriam elementos facilitadores da emergência da caça a partir das paredes ou do chão das grutas.

A proposta de Le Quellec pode incomodar aqueles que desconfiam da aplicação à fenômenos culturais de métodos utilizados em biologia, e o espectro do antigo difusionismo ainda ronda as disciplinas antropológicas. Contudo, esta abordagem não deve ser confundida com o ingênuo difusionismo do início do século XX. Vemos com interesse Le Quellec se arriscar em novo e promissor campo de pesquisa, mesmo que isto não signifique que se deva concordar cegamente com as suas conclusões. O processo minucioso de estudo da expansão e transformação dos mitos numa perspectiva “evolutiva” (com objetivos e métodos distintos daqueles de C. Lévi-Strauss outrora) pode inspirar também os pesquisadores de registros gráficos holocênicos em outros continentes, nos quais as mitologias trazidas pelos colonizadores europeus ainda não apagaram os mitos e contos nativos tradicionais.